

Afetividade para inclusão na educação infantil

Affectivity for inclusion in early childhood education

Afectividad para la inclusión en la educación infantil

Recebido: 10/01/2023 | Revisado: 17/01/2023 | Aceitado: 18/01/2023 | Publicado: 21/01/2023

José Carlos Guimarães Junior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8233-2628>
Governo do Distrito Federal, Brasil
E-mail: profjc65@hotmail.com

Marttem Costa de Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8701-9403>
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: marttemsantana@ufpi.edu.br

Francisco Carneiro Braga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4275-8122>
Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
E-mail: franciscocarneirob@hotmail.com

Hellyegenes de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4143-0117>
Universidade Estácio de Sá, Brasil
E-mail: hellyegenes@hotmail.com

Savio Lima Costa e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1495-3035>
Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
E-mail: engenheirosaviolima@gmail.com

Tarciana Cecília de Souza Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9759-6952>
Universidade Estácio de Sá, Brasil
E-mail: tarciana.ferreira@prof.educ.rec.br

Jefferson Davi Ferreira Dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4753-5526>
Instituto Federal do Mato Grosso, Brasil
E-mail: jefferson_davi@hotmail.com

Juliana Nobre

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4275-8122>
Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
Universidade de São Paulo, Brasil
E-mail: juju_engenheira@hotmail.com

Jadilson Marinho da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9416-8549>
Universidad de la Integración de las Américas, Paraguai
E-mail: jadilson.marinho@gmail.com

Carlos Alberto Feitosa dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6238-0748>
Universidade Ibirapuera, Brasil
E-mail: feitosa2006@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo, tem como objetivo, discutir a importância da afetividade para inclusão na educação infantil. É reconhecido pela literatura revisada que a riqueza interfere nas relações interpessoais de uma pessoa com seus pares, adultos e o resto do mundo. Espera-se que a criança se envolva em inúmeras interações ao longo de seu tempo na escola onde a afetividade estará presente. Para permitir que crianças, adolescentes e adultos desenvolvam novos conhecimentos, também é importante compreender objetivamente como a afetividade contribuem para o processo de aprendizagem. A afetividade é essencial para os resultados educacionais, pois as palavras das crianças deixam claro que ela desempenha um papel significativo no processo de aprendizagem, que se baseia no respeito mútuo, no diálogo e, principalmente, no amor recíproco. Constatou-se que existe uma forte relação entre as ideias e que, uma vez que o educador esteja ciente das ideias e das implicações práticas das mesmas nas teorias apresentadas, ele pode potencializar as relações entre ensino e aprendizagem, tornando o crescimento de um indivíduo mais positivo e eficaz.

Palavra-chave: Motivação; Afetividade; Educação.

Abstract

The present article, aims, to discuss the importance of affection for inclusion in early childhood education. It is recognized by the literature reviewed that affection interferes with a person's interpersonal relationships with peers, adults, and the rest of the world. The child is expected to engage in numerous interactions throughout their time at school where affectivity will be present. To enable children, adolescents, and adults to develop new knowledge, it is also important to understand objectively how affectivity contributes to the learning process. Affectivity is essential for educational results, because the children's words make it clear that it plays a significant role in the learning process, which is based on mutual respect, dialog, and, especially, mutual love. It was found that there is a strong relationship between the ideas, and that once the educator is aware of the ideas and their practical implications in the theories presented, he/she can enhance the relationship between teaching and learning, making the growth of an individual more positive and effective.

Keywords: Motivation; Affectivity; Education.

Resumen

El presente artículo, tiene como objetivo discutir la importancia del afecto para la inclusión en la educación infantil. La literatura revisada reconoce que el afecto interfiere en las relaciones interpersonales de una persona con sus iguales, con los adultos y con el resto del mundo. Se espera que el niño participe en numerosas interacciones a lo largo de su estancia en la escuela en las que estará presente la afectividad. Para que niños, adolescentes y adultos puedan desarrollar nuevos conocimientos, también es importante comprender objetivamente cómo contribuye la afectividad al proceso de aprendizaje. La afectividad es esencial para los resultados educativos, ya que las palabras de los niños dejan claro que desempeña un papel significativo en el proceso de aprendizaje, que se basa en el respeto mutuo, el diálogo y, principalmente, el amor recíproco. Se encontró que existe una fuerte relación entre las ideas y que una vez que el educador es consciente de las ideas y sus implicaciones prácticas en las teorías presentadas, puede mejorar la relación entre la enseñanza y el aprendizaje, haciendo que el crecimiento de un individuo sea más positivo y eficaz.

Palabras clave: Motivación; Afectividad; Educación.

1. Introdução

É tarefa e desafio da escola assumir efetivamente, em parceria com os pais (família em geral), a função de proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos, pois entende-se que a afetividade tem um papel fundamental no processo de aprendizagem, principalmente no que concerne a inclusão.

Para isto, seu trabalho pedagógico e educacional é cuidar da sua formação, fazendo-os cumprir regras, impondo-lhes limites, e acima de tudo acreditando que os jovens têm capacidade de suportar frustrações, pois além de contribuírem para o bem psíquico, propicia um clima favorável para a educação.

A escola realiza tais funções? Sabemos como é difícil e complicada essa tarefa. Os momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender. Algumas escolas preocupam-se apenas com a quantidade de informações que transmitem por meio de competição e do uso de modernas tecnologias, de forma meramente burocrática e mercadológica. Afastam-se assim do “ser humano”, tratando os alunos apenas como números de registro. Com isso, apesar de dispor de um grande espaço onde os jovens passam metade do seu dia durante duzentos dias por ano, acabam por perder a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade.

A escola deve se conscientizar de que é uma instituição afetiva que complementa a família. Sem essa consciência, criaremos um bando de sujeitos que aprenderam, mas não sabem usar o que aprenderam porque estão afetivamente empobrecidos. O jovem só vai gostar da escola quando houver afetividade, quando sentir que cuidam dele.

A escola é hoje a mais importante instituição para a inclusão dos jovens em programas de participação social capazes de lhes ensinar as questões relativas a cuidar. Convidando-os a participar de eventos e discutindo com eles as questões que mais afligem a sociedade, ela será mais solidária e contribuirá efetivamente com a formação deles, e assim, buscamos nessa pesquisa a identificação e análise das ações de efetividade, tanto por parte familiar, em todos seus graus de parentesco, e em sala de aula, não se restringindo apenas aos professores e/ou auxiliares de classe, mas passando por todos os atores que são parte integrantes da comunidade escolar.

Não obstante, essas análises da efetividade torna-se um ponto de grande significados em todo o processo de interação das crianças em suas diversas idades escolares.

2. Metodologia

Para atingir os objetivos propostos nessa pesquisa, utilizou-se de pesquisa bibliografia, especialmente apropriado à pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, pois visa identificar a realidade investigada sobre a questão da afetividade no processo de inclusão

Os periódicos foram pesquisados em bases de dados como SCOPUS, CAPES e Google Scholar utilizando as seguintes palavras de busca: Educação e práticas inovadoras e ensino aprendizagem; além de pesquisas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior-CAPES, vinculado ao Ministério da Educação do Brasil-MEC, através dos seguintes bancos de dados: Web of Science, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Scopus.

Ressalta-se que alguns critérios foram estipulados para a seleção dos materiais bibliográficos que foram utilizados, como: deveriam conter: educação, ensino, metodologias educacionais e afetividade.

É importante perceber que algumas/alguns autoras/autores consideram a pesquisa documental como sinônimo da pesquisa bibliográfica; contudo, nesta pesquisa priorizou-se os conceitos dos autores Almeida, Guindani e Sá-Silva, (2009) que apontam que “a pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias (Almeida, 2009).

Desse modo, a pesquisa bibliográfica restringe-se a artigos, periódicos, ensaios, enciclopédias, livros e dicionários, sendo conhecida, também, como estado da arte do conhecimento. A pesquisa documental “segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos” (Silva et al, 2009).

Severino (2007) acrescenta, que a análise documental, não se restringe aos documentos públicos legais ou teóricos, mas mostra que revistas educacionais, jornais, livretos, imagens e até mesmo filmes, podem ser utilizados como fonte de pesquisa. Essa forma de registro implica em sistematizar dados informações, e análise e pode ser empreendida mediante “técnicas de coleta, organização exploração de documentos fontes do objeto pesquisado e registro das informações retiradas nessas fontes e que serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho. (Severino, 2007)

Acredita-se que o estudo empreendido, poderá ampliar discussões de pesquisadoras/es do campo educacional, a percepção e reflexão crítica de profissionais da educação sobre questões relacionadas aos diversos processos que envolvam a afetividade no ensino aprendizagem, oferecendo assim, um grande desafio no sentido de trabalharem de forma individual cada criança/aluno.

3. Afetividade para Inclusão na Educação Infantil

3.1 Concepções e práticas na afetividade educacional

Afeto é um sentimento que sustenta a afetividade humana e se refere a uma coleção de fenômenos físicos que podem ser observados em conexão com emoções, sentimentos e paixões. Eles são tipicamente acompanhados de uma impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, prazer e desprazer. Portanto, cabe ressaltar que essas características do estado emocional existem e são vivenciadas pela criança no dia a dia (Codo & Gazzotti, 1999, p. 48-59).

O desenvolvimento de relacionamentos e vínculos afluentes é realizado pelos estímulos que os envolvidos recebem do meio em que estão inseridos. Luck (1983, p. 25) afirma que "as relações afetivas adquirem um papel particular e único no

cenário educacional". Portanto, é importante perceber que a afetividade, deve ser desenvolvida em todas as relações, inclusive entre professor e aluno.

A afetividade tem várias definições estando relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo, ao aplicar a afetividade no afeto, a palavra vem do latim *officere*, que significa influencia, afetar. É um termo mais genérico para falar sobre um estado subjetivo, que pode ser positivo ou negativo; agradável ou desagradável. Quando se aplica a afetividade no humor, resulta em vários estados afetivos que foram vivenciados durante determinado tempo. Com isso, Piaget (1962), completa:

É incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência, mas, na minha opinião, não é suficiente (Piaget, 1962. p. 43).

O sentimento de afetividade é aquele que se baseia na confiança, no amor, no respeito e na admiração, e eleva nossa autoestima. Como resultado, na sala de aula, o aluno pode demonstrar se gosta ou não de frequentar a escola. A falta desse sentimento causa problemas e torna a criança completamente indiferente a tudo. É necessário que pais e professores levem em consideração a afetividade enquanto o aluno está aprendendo.

Uma boa maneira de se compreender e avaliar a articulação, feita por Ostetto (2000), entre afetividade e inteligência é analisar as concepções deste acerca do tema do juízo moral. De fato, a moralidade humana é o palco por excelência onde afetividade e Razão se encontram, via de regra sob a forma do confronto. Corroborando com isso, entende-se que:

Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade (Bonfim, 2011, p. 9).

As crianças precisam de cuidados especializados desde o nascimento e de alguém que esteja sempre por perto. À medida que envelhecem, tornam-se mais independentes e autônomos, mas principalmente em termos de aprendizagem, a criança precisa de acompanhamento, tanto da família, quanto da escola. Sabemos que a relação entre a família de um aluno e sua escola é crucial para seu sucesso na escola. Esse fator envolve afliência, pois se não houver afliência na relação aluno-professor, os alunos podem achar o desenvolvimento do processo mais difícil.

Uma teoria e uma coleção de objetivos educacionais e métodos de ensino direcionados a moldar a forma humana são necessários para que o processo educacional funcione efetivamente. De acordo com a concepção social histórica de educação, as atividades educativas ocorrem em contextos sociais historicamente predeterminados que restringem as possibilidades de humanização aspiracional.

Nessa perspectiva, Ostetto nos traz que “o pedagógico também envolve o que se passa nas trocas afetivas e de respeito, em todos os momentos do cotidiano com as crianças, perpassa todas as ações: limpar, lavar, trocar, alimentar, dormir” (2000, p. 192). É essencial ter consciência no ensino desde o momento em que um bebê é limpo e aceito por alunos mais velhos que têm necessidades exclusivas de sua idade. O significado de respeitar a criança no seu processo de desenvolvimento de afetividade deve ser entendido como:

Respeitar a criança é não limitar suas oportunidades de descoberta, é conhecê-la verdadeiramente para proporcionar-lhe experiências de vida ricas e desafiadoras, é procurar não fazer por ela, auxiliando-a a encontrar meios de fazer o que quer, é deixá-la ser criança. Respeitá-la é oferecer-lhe um ambiente livre de tensões, de pressões, de limites às

suas manifestações, deixando-a expressar-se da maneira que lhe convém e buscando entender o significado de todas as suas ações. (Hoffmann, 2011, p.13).

Como resultado, os objetivos e o método de ensino ficam em segundo plano em relação à organização e dinâmica das relações entre as classes de agentes sociais. Uma pedagogia assume especificamente essa tarefa de orientar a prática educacional de maneira consciente, intencional, sistêmica e focada em metas sociais e objetivos políticos. Em outras palavras, o faz de acordo com demandas específicas de humanização em particular contextos histórico-sociais. Formular e desenvolver condições organizacionais e metodológicas para viabilizar a atividade educativa (Luiz, 2020).

As descobertas mais atuais em psicologia, psicanálise, antropologia e outros campos têm beneficiado a educação recentemente, especialmente quando se trata de desenvolvimento educacional. No ambiente escolar, a criança terá suas primeiras experiências sociais, estabelecerá relações fora do convívio familiar e tentará se ajustar aos encontros e atividades fora do ambiente educacional.

Uma criança que entra em uma instituição educacional sairá com um novo mundo. O educador desempenha um papel crucial nesta fase delicada para a criança. A criança é apresentada a um mundo amplo e organizado que tem uma lógica diferente daquela a que estava acostumada.

Portanto, é necessário que o educador estimule o apoio de forma a contribuir para a primeira integração da criança no ambiente educacional, bem como para o crescimento físico e psicológico da criança. Para Winnicott (1985, p. 224) dado que pode "auxiliar a mãe na descoberta de suas próprias potencialidades materiais e apoiar a criança no enfrentamento das inevitáveis questões psicológicas que o ser humano deve enfrentar", o papel do educador infantil traz consigo uma dupla responsabilidade e oportunidade.

O citado autor ressalta que, para desempenhar tão delicada função, é necessário que a pessoa seja resoluta e coerente em seu comportamento com a criança, reconhecendo suas próprias alegrias e tristezas, compreendendo suas incoerências e estando preparado para ajudá-la em caso de necessidades especiais (Winnicott, 1985).

O educador deve ter conhecimentos técnicos resultantes de sua formação e uma atitude objetiva em relação às crianças sob seus cuidados. Dessa forma, o educador deve resguardar os alunos de suas próprias emoções fortes e agressivas, fornecendo a orientação necessária no momento presente em que o aluno é solicitado a resolver essas emoções (Winnicott, 1985).

É responsabilidade do educador fornecer atividades de lazer agradáveis que ajudem a criança a canalizar suas próprias emoções em direções construtivas e no desenvolvimento de habilidades eficazes. A autora Hillal (1985), afirma que uma educação eficaz deve progredir de mãos dadas com uma educação intelectual com vistas a uma educação global. Segundo ela, nenhuma atividade relacionada à criança deve ser realizada sem a devida consideração pelo uso da afetividade.

Assim, pode-se evidenciar, com o que dispõe a autora citada, que a interação entre educadores e crianças é essencial para o adequado crescimento intelectual e emocional da criança. Como resultado, tanto na vida do aluno na escola quanto no seu desenvolvimento como pessoa, os primeiros educadores de uma criança desempenham um papel crucial na formação de seu futuro. No entanto, os educadores devem primeiro se engajar no trabalho de autoconsciência pessoal a partir das perspectivas de autoavaliação e autorrealização, tanto em nível pessoal quanto profissional.

Através do que dispõe Rodrigues (1981), pode-se dizer que a ausência de emoção e envolvimento ativo no processo de aprendizagem é tão dramática que ocorre frequentemente em todos os níveis de escolaridade. Os alunos que afirmam que a vida existe fora dos muros da escola parecem como se a formação educacional fosse um processo que não existia, distinto das alegrias e dificuldades inerentes à vida.

Uma criança se desenvolve tanto em termos de seus aspectos biológicos quanto sociais. A criança se desenvolve não apenas intelectualmente, mas também biologicamente, sempre levando em consideração o meio utilizado e as relações que se

estabelecem. O desenvolvimento das habilidades intelectuais e biológicas de uma pessoa faz com que a inteligência e a afetividade se tornem fatores de grande importância (Wallon, 1942, p. 40).

A dimensão afetiva que é de fundamental importância para Wallon, seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento, é, portanto, marcante para o desenvolvimento da humanidade que se manifesta a partir do nascimento e estende-se pelo primeiro ano de vida da criança. Wallon explica que uma criança sadia, quando já está se relacionado afetivamente bem com o meio que a cerca, em particular com sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal (Bezerra, 2006, p. 22).

Assim, fica claro que a relação entre o professor e o aluno é a base da vida acadêmica. Para que a escola cumpra sua responsabilidade de preparar as crianças para viver no mundo adulto, precisamos de professores preparados e que possam estabelecer uma parceria com seus alunos. Isso porque tanto nas teorias educacionais quanto no cotidiano escolar, a escola é definida como um meio de preparar os alunos para a vida (Rodrigues, 1981).

Desde as primeiras interações de uma criança com o mundo exterior, deve existir um ambiente estimulante e de apoio. As primeiras interações com seus primeiros cuidadores lhe deram características que, quando introduzidas mais tarde, ajudaram a moldar o ambiente em que sua personalidade se desenvolveu.

A experiência parental daqueles que irão evoluir para indivíduos relativamente estáveis e seguros de si é notável não só pelo apoio inabalável dos pais quando regressam, mas também pelo incentivo gradual e contínuo de uma autonomia crescente. Também é notável que os pais transmitem modelos funcionais para si mesmos, seus filhos e outros (Bowlby, 1997, p. 113).

O desenvolvimento intelectual e emocional está inextricavelmente ligado. Assim disserta Mantoan (2001) que o desenvolvimento social é resultado de uma estrutura definida pelos valores de liberdade, respeito e responsabilidade, tendo a sociedade como fonte e limite.

Um professor deve implementar o processo de ensino com uma nova perspectiva sobre sua relação com a sociedade. É preciso dosar com muito afeto, pois há muitas pessoas que precisam ser levadas em consideração, incluindo aquelas que estão isoladas, reprovadas na escola, desvalorizadas na vida e aquelas que são segregadas, mas que realmente exigem muita atenção.

4. A Importância da Afetividade no Papel do Educador

Semelhante a uma família, a escola é uma instituição vital no desenvolvimento de uma pessoa. Por se manifestar desde o nascimento e perdurar até o primeiro ano de vida do ser humano, a afetividade é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, bem como para o desenvolvimento do conhecimento e da civilização humana. Nesse contexto, ressalta-se que:

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (Saltini, 1997, p.15).

Quando consideramos a educação e o aprendizado, devemos considerar também a afetividade, pois ambas as partes devem caminhar lado a lado. É impossível pensar em educação sem considerar interações, acordos e trocas, tudo o que resulta disso leva a uma melhor colaboração (Santana, 2011, p. 2).

Os ensinamentos de Wallon (2010), defende a ideia de uma criança saudável que se dá bem com tudo e todos ao seu redor. É necessário ser alvo de manifestações atípicas para que isso prossiga normal e biologicamente. Nesse sentido, entende-se que:

Uma teoria pedagógica que se depreenda das ideias sobre a construção do indivíduo a partir de Wallon diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que uma aparato cerebral. Pressupões perceber a dimensão afetiva do indivíduo e trabalha-la para permitir uma construção cognitiva mais dinâmica e efetiva. Sendo assim, uma teoria pedagógica inspirada em Wallon pressupõe um movimento dialético entre afetividade, emotividade e subjetividade com processos cognitivos, interação social e racionalidade mutuamente imbricado e relacionados em via de interdeterminação (Bezerra, 2006, p. 23).

A escola deve ir além da mera divulgação de informações e proporcionar inúmeras oportunidades para que seus alunos se envolvam em um processo educacional que incorpore todas as faculdades humanas, enfatizando o emocional, visto que a aprendizagem é um processo que envolve todas as faculdades humanas. Para Saltini (1997, p. 31), em primeiro lugar, a educação não é um meio de transmissão de conhecimento, uma habilidade ou mesmo uma conduta, mas sim uma introdução à vida.

Nesse sentido, a escola deve se preocupar em preparar uma equipe de especialistas conscientes de que, para que a criança possa desenvolver ao máximo seu potencial, ela deve manter relações com pessoas que compreendam sua subjetividade e as características de cada faixa etária. O professor precisa criar um vínculo de conhecimento com a criança, A partir dessa premissa, é fundamental ressaltar que as crianças em idade escolar são livres para receber instrução e estabelecer uma relação próxima e mutuamente benéfica com o professor (Saltini, 1997, p. 89). A linguagem emerge das emoções, e a emoção é um sentimento capaz de suprir as necessidades de uma criança pequena porque, por exemplo, quando ela chora, é assim que ela se comunica.

Para demonstrar que a afetividade é um fator importante no desenvolvimento da criança, Wallon (2010), ensina que além da afetividade, as crianças conseguem estabelecer um vínculo com quem a rodeia, assim, para aplicar a afetividade no cotidiano educacional, entende-se que:

A proposta da educação infantil deve considerar o currículo como o conjunto de experiências em que se articulam saberes e socialização do conhecimento em seu dinamismo, dando ênfase à gestão das emoções, entre outros aspectos (Brasil, 2010, p. 19).

O papel do professor na sala de aula é crucial para a resolução de algumas questões, mas a escola também tem que dar assistência ao professor para que ele possa agir de forma decisiva. O professor deve exercer seu ofício com amor, pois fazer o contrário reafirmará a percepção da educação como pouco mais do que a transmissão de informações.

Com isso, fica claro que o trabalho do professor é fundamental para o crescimento e o aprendizado, pois ele será uma figura-chave no estabelecimento de conexões que desenvolvem a afetividade. Por isso, o professor deve adotar uma postura de compromisso com ênfase na prática da afetividade, reconhecendo seu enorme valor na empreitada educacional (Luck, 1983, p. 23).

Para uma escola inclusiva, deve haver a afetividade com participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, principalmente de alunos com deficiência.

A afetividade é um caminho para incluir qualquer educando no ambiente escolar. É a mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula, na busca da inclusão de qualquer educando na escola. Entende-se a diferença como a especificidade de cada um, em seus múltiplos e complexos comportamentos. Entende-se, ainda, a diferença como o vivido de cada um, em sua realidade social e cultural. Entendese, mais ainda, que a permanência do

educando na escola depende da aceitação, da motivação e da autoconfiança que ele percebe quando entra no ambiente escolar. Esses fatores e tantos outros podem facilitar a permanência e a aprendizagem. (Mattos, 2008, p. 5).

Segundo Mattos (2008), o professor ao utilizar a afetividade em sala de aula conseguiu ajudar seus alunos a superar obstáculos e bloqueios que frequentemente os impedem de aprender. O aluno com dificuldades ganha confiança em si mesmo e em suas habilidades como resultado de se sentir aceito. A convivência escolar é uma experiência de aprendizagem no trabalho em equipe. A interação entre um aluno e a comunidade escolar é o que os ajuda a desenvolver um senso genuíno de si mesmo.

A instituição que, em nome da cultura, serve como pilar fundacional de uma geração é a escola, onde se legitimam as regras que sustentam e estruturam a sociedade.

Mas, além de disseminar o conhecimento acumulado ao longo da evolução humana, a escola tem a responsabilidade de fomentar o desenvolvimento da subjetividade, que é o alicerce fundamental de todas as manifestações culturais.

É fundamental que cada membro do corpo docente se esforce para se integrar à diversidade que já existe na sala de aula e trabalhe para que as relações afluentes sejam desenvolvidas de forma saudável e de acordo com o nível de aprendizado do aluno.

Portanto, incluir vai além da redefinição do papel da educação contemporânea e da compreensão da importância da emoção, promovendo um ambiente de aprendizagem solidário e produtivo.

Para promover mudanças significativas na organização e funcionamento das escolas, bem como na formação dos professores e nas relações família-escola, é necessário refletir sobre a prática educativa antes da inclusão. Montoan (2002), acredita que existem várias barreiras para incluir todos os alunos em uma modalidade educacional, a escolarização convencional, entre elas a cultura assistencialista da educação especial.

O sentido da Educação Especial, acentuado pela imprecisão dos textos legais, tem acrescentado a essa situação outros sérios problemas de exclusão, sustentados por um entendimento equivocado dessa modalidade de ensino. A Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva inclusiva, de acordo com a Lei de Diretrizes Básicas, dispõe sobre a educação inclusiva quando reconhece que todas as crianças podem aprender e respeitar suas diferenças.

Muitas pessoas veem a inclusão apenas como a inclusão de uma criança com necessidades especiais em uma creche ou escola comum, não reconhecendo que essa ação estimula uma mudança nas práticas pedagógicas da escola. O movimento de inclusão nas creches ou escolas exige uma nova estrutura organizacional do sistema educacional, alterando suas práticas, relações e pressupostos subjacentes para garantir o direito de todos à educação de qualidade. Hoje, devido às políticas de inclusão, a maioria das crianças ingressa no sistema educacional por meio da educação infantil, sendo o atendimento educacional especializado prestado na creche domiciliar ou pré escola onde está matriculada (Dutra, 1996, p. 21).

Por isso, é fundamental e obrigatório que a escola disponibilize uma rede adequada de apoio e assistência e conte com professores qualificados em seu corpo docente para atender esses alunos. O planejamento deve levar em consideração as necessidades inclusivas dos alunos com alguma deficiência e envolver atividades que levem em consideração suas necessidades e potencialidades, possibilitando a inclusão em salas de aula regulares. As práticas educativas que permitem aos alunos aprender e ter suas habilidades e conhecimentos reconhecidos e valorizados são peculiares a um ensino escolar que se destaca pela variedade de atividades. Do ponto de vista da educação inclusiva, um professor não é alguém que ensina um "currículo diversificado" para alguns alunos, mas sim alguém que planeja uma variedade de atividades para seus alunos se envolverem enquanto trabalham no mesmo material do curso, sejam eles ou não tem deficiência mental (Batista, 2006, p. 13)

5. Considerações Finais

Ao longo da vida de uma criança, as emoções e a acuidade emocional desempenham um papel fundamental e crucial, porque à medida que a criança se desenvolve em uma pessoa, as mudanças pelas quais ela passa ganham maior significado e um ritmo mais rápido. Cada estágio de desenvolvimento possui características próprias, pois o indivíduo vivencia determinadas situações e aprende com cada uma delas, que o desenvolvimento de um indivíduo pode ser visto durante seu período de afetividade, já no início de sua vida psicológica.

No entanto, ao discutir a interação entre o sujeito e o ambiente, elas se dão de forma afetiva ao conectar as emoções. A interação do sujeito com o ambiente traz à tona suas emoções e o torna imerso, estabelecendo uma conexão afetiva que, por sua vez, é uma mímica de outra relação. A participação ocorre primeiro, seguida pela simpatia na maioria das vezes e, em seguida, por situações carregadas de emoção.

Diante do que foi exposto, após a apresentação das hipóteses da pesquisa, que a afetividade é um componente essencial do processo educativo, levando-se em conta a trajetória histórica da educação infantil.

Como resultado, o presente estudo buscou defender o ponto de vista teórico metodológico sobre a afetividade e delineou esse percurso fazendo uso da história para mostrar como a afetividade é importante no processo educacional, além da condição de ser social, a literatura e a revisão bibliográfica realizada revelaram que a criança necessita de afetividade e cuidados adequados em cada etapa do processo de educação, destacando posteriormente a necessidade de tranquilidade no cenário educacional para se sentir mais seguro e desenvolver de forma mais eficaz.

Referências

- Almeida, A. (2009) "Ludicidade como instrumento pedagógico."
- Bezerra, R. J. L. (2006) Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção.
- Brasil, M. E. (2010) Parecer cne/ceb. Revisão das diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil n. 20.
- Bonfim, V. A. (2011) Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. Summus.
- Bowlby, J. (1997) Formação e rompimento dos laços afetivos. tradução de Álvaro Cabral. Martins Fontes.
- Codo, W. G. A. A. (1999) Trabalho e afetividade. in: Codo, w. (coord.) educação, carinho e trabalho. Vozes.
- Dutra, C. P. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré-escolas. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/educinf/revista44.pdf>. 2022
- Hillal, J. (1985) Relação professor – aluno: formação do homem consciente. Paulinas.
- Hoffmann, J. (2011) Ação educativa na creche. editora mediação, (9a ed.).
- Luiz, A. A afetividade no aprendizado do professor e aluno. pedagogia. brasil escola. 2020. https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/afetividade-no-aprendizado-professor-aluno.htm#indice_14.
- Mantoan, M. T. E. (2001) Compreendendo a deficiência mental. Scipione.
- Mattos, S.M.N. A afetividade como fator de inclusão escolar. teias, rio de janeiro, ano 9, nº 18, pp. 50-59, julho/dezembro 2008. <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewfile/271/283>.
- Ostetto, L.E. (2000) Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Papirus editora, 2000.
- Piaget, J. (1962) The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child. in: bull menninger, 26(3).
- Rodrigues, M. (1981) Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano. editora mcgraw-hill,
- Saltini, C.J.P. (1997) Afetividade e inteligência. DPA.
- Santana, D.R. (2011) Infância e educação infantil no brasil: percursos e percalços. enciclopédia biosfera, 7(12), 1-11.
- Wallon, H. (1942) Do ato ao pensamento. tradução e organização: Patrícia Junqueira. fundação joaquim nabuco, editora: massagana,
- Wallon, H. (2010) A evolução psicológica da criança. Martins fontes.
- Winnicott, D. W. (1985) A criança e o seu mundo. Zahar editores.